

# REFORMA POLÍTICA VERDADEIRA

P33

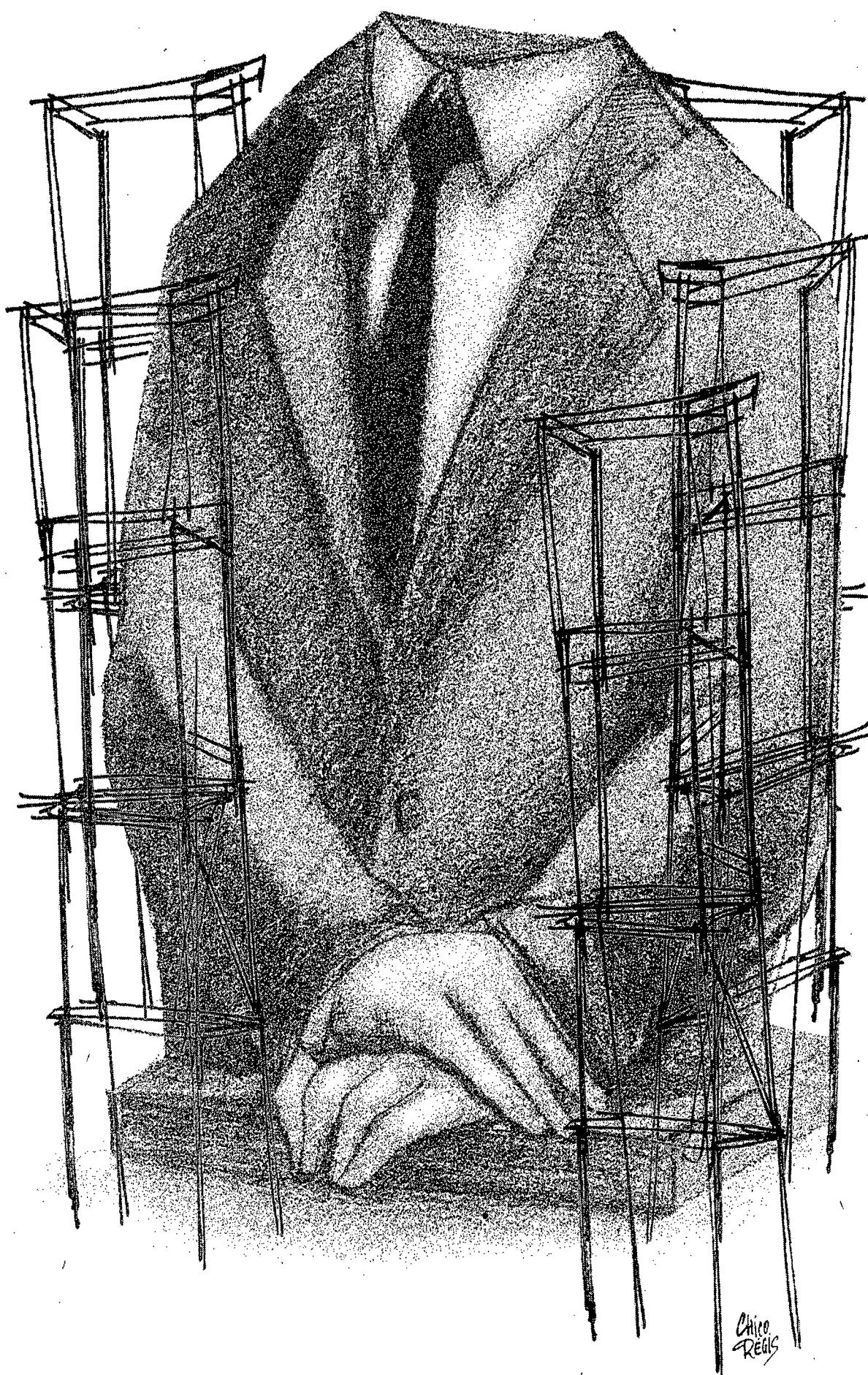
Josaphat Marinho

É freqüente na política desprezar a essência dos problemas em função de aspectos secundários, ou que só têm relevo em decorrência dos fatos principais. A multiplicidade de pessoas intervenientes na discussão de tais problemas e, comumente, a paixão substituindo a razão desviam o debate de seu centro natural. Opiniões interessadas deslocam a atenção para o acessório, na tentativa de perturbar a consciência coletiva. Como a sociedade em conjunto não participa do exame pormenorizado dos fenômenos sociais e políticos, a confusão pode estabelecer-se, se não houver esclarecimento oportunamente.

É o que se verifica, neste momento, na saliência dada à fidelidade partidária, dentro da idéia de reforma política. Em vez de cuidar, precípua mente, da reforma política, que é a providência básica, trata-se da fidelidade partidária, uma consequência daquela iniciativa fundamental. Sem dúvida, a fidelidade partidária equivale à prática que assegura a disciplina nas agremiações políticas. Se em todas as instituições são previstas formas que lhes asseguram a ordem e a hierarquia, não há de ser diversa a situação nos partidos, embora com singularidades correspondentes à natureza deles. Destinados à atividade política, e assim vinculados à representação popular, os partidos devem ser organizados com autonomia indispensável ao pleno exercício de suas funções essenciais. Autônomos, protegem a cidadania.

Mas o que a experiência dos povos revela é a imagem imperfeita ou desfigurada dos partidos. Alguns têm melhor organização e mais autenticidade. A generalidade, porém, apresenta-se sem consistência ideológica e programática. Cumpridas as formalidades legais para sua formação, atuam, quase sempre, por motivos circunstanciais e de interesse, subestimados os programas. Pouco se reúnem e de ordinário cumprem deliberações ditadas pelos comandos reais. Mais obedecem que decidem. Há muito, Maurice Duverger lhes traçou o perfil dominante. Apontou-lhes a evolução em contraste com o regime democrático. "A centralização crescente diminui cada vez mais o papel dos adeptos sobre os dirigentes, aumentando, pelo contrário, a influência dos segundos sobre os primeiros."

Em face desse quadro, que é também o do Brasil, os partidos não se renovam convenientemente, nem desempenham bem o papel relevante de orientadores e formadores de opinião coletiva. Sensivelmente, com exceções, perdem esse poder ordenador do pensamento geral. Chefias e candidatos é que despertam mais o apoio do corpo eleitoral. Salvante a influência de partidos mais ideológicos, como o socialista francês, o trabalhista inglês, ou o dos trabalhado-



res no Brasil, a captação de simpatia e de voto depende de fatores pessoais, ou ocasionais. Tais fatores, porém, não sendo de caráter permanente, não bastam para consolidar o prestígio e a projeção dos partidos, nem promover a renovação de seus filiados.

Assim, o primacial é a revisão da estrutura e do funcionamento dos partidos. Revistos adequadamente é que se tornarão fortes e de poder permanente. Somente nesse caminho é que conseguirão colher os representantes das novas gerações e influir no conjunto da popula-

ção. Por esse meio de conquistar energias e confiança é que se tornarão forças de organização e condutores da opinião popular.

Organizados à base de idéias e programas, os partidos extraerão vantagens de outras medidas, como o regime eleitoral modificado, combinando-se, talvez, o voto proporcional com o distrital. E outras inovações, porventura aconselháveis. Assim fortalecidos, é que poderá ser disciplinada a fidelidade partidária. Essa é consequência ou resultante de partidos bem estruturados e obedientes a diretrizes

certas. Não deve ser "camisa-de-força", nem forma de estrangulamento de consciências. Se a democracia repele o mandato imperativo, não podem os partidos anular a legítima decisão de consciência. Sem preocupação de apoiar o governo, ou de combate a ele, é que, com a reforma política, nunca antes nem isoladamente, se há de regular a fidelidade partidária. Somente assim será educativa e fecunda a vida nos partidos.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia